



O Servo de Deus **JOSEMARÍA**
ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. 1700 LISBOA

Este **BOLETIM INFORMATIVO** publica-se com aprovação eclesiástica da Sagrada
Congregação para as Causas dos Santos.

BOLETIM INFORMATIVO N.º 9 — LISBOA

O Santo Rosário

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer, em Roma, o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e, posteriormente, doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote, a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei; e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, a 16 de Junho de 1950; e, a 28 de Novembro de 1982, foi erigido em Prelatura pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá de Balaguer.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicional entrega à Vontade de Deus, o Padre — como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a sua alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido nos cinco Continentes, e contava com mais de 60 000 membros, de 80 nacionalidades, ao serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos, que sempre viveu e inculcou nos seus filhos Mons. Escrivá de Balaguer.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria, por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Igreja Prelática de Santa Maria da Paz — Rua Bruno Buozzi, 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e o agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A Causa da beatificação e canonização de Mons. Escrivá foi introduzida em Roma, no dia 19 de Fevereiro de 1981.

A Tradição da Igreja, desde há muitos séculos e como fruto da fé e do amor dos fiéis, compôs a oração do Rosário, que contempla em profundidade as riquezas da Encarnação do Verbo, a Sua obra redentora na Cruz e o seu triunfo glorioso¹. Nesses mistérios, os cristãos podem encontrar impulso e apoio seguro para a sua oração e a sua união com Deus, e também remédio eficaz para os males que podem sufocar a vida da graça na alma: «o desgosto pela vida humilde e de trabalho, o horror ao sofrimento, e o esquecimento dos bens eternos que esperamos»².

Mons. Josemaría Escrivá amava profundamente a Santíssima Virgem. Desde criança aprendeu no lar de seus pais a rezar com devoção o Terço, uma das principais devoções marianas, constantemente recomendada pelos Papas, e, ao longo da sua vida, aprofundou com piedade e convicção no valor espiritual deste modo de intimar com Santa Maria, de meditar os mistérios da salvação, de implorar a intercessão poderosa da Mãe de Deus, de reparar pelos pecados dos homens, de estender a fé. Ao final da sua vida, resumiu com estas palavras a sua longa experiência dos frutos maravilhosos desta oração:

A recitação do Santo Rosário, considerando os mistérios, repetindo os Pai-Nossos e as Ave-Marias, os louvores à Santíssima Trindade e a invocação constante à Mãe de Deus, é um contínuo acto de fé, de esperança e amor, de adoração e reparação³.

Com a convicção segura de que o Rosário não pode passar de moda, o Fundador do Opus Dei, fiel à Igreja, impulsionou a recitação do Terço com o exemplo, a pregação e os seus escritos; e fê-lo com todas as suas forças, sabendo que prestava um serviço eficaz à santificação do Povo de Deus.

Desde a sua juventude, tinha recitado diariamente, com espírito de amor e penitência, os quinze mistérios do Rosário nas circunstâncias mais variadas: no intenso labor sacerdotal ou no meio da perseguição religiosa, em família, nas viagens por diversos países, em visitas a santuários marianos... Gracejando, recomendava a todos os cristãos que vivessem esta prática de piedade, tão acessível e benéfica para a vida espiritual:

O Rosário é uma oração que está ao alcance de todas as bolsas, porque é muito fácil fechar um pouco os olhos, imaginar a cena do mistério, dizer umas palavrinhas carinhosas e, depois, repetir os Pai-Nossos, as Ave-Marias, os Glórias e as ladainhas: tantas invocações que são elogios inflamados a Nossa Senhora, provas de carinho⁴.

Uma manifestação do empenhamento apostólico do Servo de Deus para difundir esta

oração mariana é o seu livro *Santo Rosário*, que escreveu de seguida, depois de celebrar a Missa, num dia de 1931, e que publicou pela primeira vez em 1934. Desde então, esta obra teve 85 edições em 18 idiomas, superando o meio milhão de exemplares, e fez um bem imenso às almas:

Há anos escrevi, com a ajuda de Deus, um pequeno livro para ensinar as pessoas a rezarem o Rosário; não para rezarem como eu, mas para que tenham à-vontade (...) Lede esse folheto e, depois, rezai o Terço por vossa conta, como quiserdes.

Vereis que correrá bem, que ficareis contentes, tanto elas como eles, porque esta devoção também é de homens. Rezar o Terço é de homens! O que não é de homens é não rezar. Isso é de animais. Só os animais não rezam⁵.

Nesse livro expõe um modo de dirigir-se a Nossa Senhora cheio de simplicidade e autenticidade, que facilita — a quem o meditar em silêncio — uma oração de relacionamento confiado em Jesus, Maria e José. Das suas palavras mana uma fonte de energia espiritual que leva com naturalidade à união com Deus, através da contemplação dos mistérios da nossa redenção.

O Servo de Deus abre uma via acessível, para que os momentos principais dos passos de Cristo por esta terra se tornem actuais e vivos na conduta de cada um:

Faz-te pequeno. Vem comigo, e viveremos (este é o nervo da minha confiança) a vida de Jesus, de Maria e de José.

Todos os dias lhes havemos de prestar um novo serviço. Ouviremos as suas conversas de família. Veremos crescer o Messias. Admiraremos os seus trinta anos de obscuridade... Assistiremos à Sua Paixão e Morte... Pasmaremos ante a glória da Sua Ressurreição... Numa palavra: contemplaremos, loucos de Amor (não há mais amor do que o Amor), todos e cada um dos instantes de Cristo Jesus⁶.

Durante o ano mariano, bem como em todo o seu pontificado, João Paulo II exortou repetidas vezes, oralmente e com o seu exemplo, a dirigir a devoção mariana através da coroa do Rosário. Mons. Escrivá aplicava também esta devoção para fomentar a sua união com o Pontífice Romano e as necessidades da Igreja universal.

O Fundador da Obra, sempre amigo da liberdade, recomendava que cada um — e também a família reunida — praticasse esta devoção com espontaneidade, mas procurando pôr toda a energia da mente, da imaginação e do afecto:

O Santo Rosário é como um aperto de mãos, como um cumprimento. A intensidade do aperto de mãos depende do carinho que se tenha à pessoa. É uma coisa pessoal⁷.

O Terço é uma arma poderosa para rogar pelas necessidades da Igreja e para conseguir do Senhor, por mediação de Sua Mãe, as graças que nos permitem comportarmos sempre de acordo com a nossa vocação cristã. Por isso, fazemos um grande bem quando animamos os nossos parentes e amigos a rezarem, com fé, diariamente, o Terço.

¹ Cfr. Paulo VI, Ext. Apost. *Marialis Cultus*, 2-II-1974; Conc. Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, nn. 67 e 69.

² Leão XIII, Enc. *Laetitiae sanctae*, 8-IX-1893.

³ RHF 20. 162, p.5.

⁴ RHF 20. 162, p. 756.

⁵ RHF 20. 771, p. 421.

⁶ *Santo Rosário*, 4ª ed. portuguesa, Lisboa 1982, prólogo.

⁷ RHF 20. 755, p. 307.

Que alegria poder dizer com todas as forças da minha alma: amo a minha Mãe, a Santa Igreja! (*Caminho*, n. 518).

Não cabe outra disposição num católico: defender «sempre» a autoridade do Papa; e estar «sempre» docilmente decidido a rectificar a opinião, ante o Magistério da Igreja (*Forja*, n. 581).

Que a consideração diária do duro peso que grava sobre o Papa e sobre os bispos, te urja a venerá-los, a estimá-los com verdadeiro afecto, a ajudá-los com a tua oração (*Forja*, n. 136).

Cada dia hás-de crescer em lealdade à Igreja, ao Papa, à Santa Sé... Com um amor cada vez mais teológico! (*Sulco*, n. 353).

Obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste no meu coração (*Caminho*, n. 573).

Ainda que bem sabido, não quero deixar de te recordar uma vez mais que o Sacerdote é «outro Cristo». — E que o Espírito Santo disse: «nolite tangere Christos meos» — não toqueis nos «meus Cristos» (*Caminho*, n. 67).

Se não tens uma veneração pelo estado sacerdotal e pelo religioso, não é verdade que ames a Igreja de Deus (*Caminho*, n. 526).

Pensando nos sacerdotes do mundo inteiro, ajuda-me a rezar pela fecundidade dos seus apostolados.

— Sacerdote, meu irmão, fala sempre de Deus, porque, se és seu, não haverá monotonia nos teus colóquios (*Forja*, n. 965).

Maria edifica continuamente a Igreja, reúne-a, mantém-na coesa. É difícil ter autêntica devoção à Virgem sem nos sentirmos mais vinculados aos outros membros do Corpo Místico e também mais unidos à sua cabeça visível, o Papa. Por isso me agrada repetir: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*, — todos com Pedro a Jesus por Maria! (*Cristo que passa*, n. 139).

No Seminário de Saragoça

O jovem Josemaría Escrivá, com 18 anos, chegou a Saragoça, vindo de Logroño, no dia 28 de Setembro de 1920. Ainda desconhecia o rumo definitivo da sua entrega a Jesus Cristo, mas estava persuadido de que o sacerdócio era o melhor caminho para responder ao amor de Deus que tinha presente claramente na sua alma. Fiel à vontade divina, continuava a repetir as palavras da Sagrada Escritura: «Aqui estou, porque me chamaste!» (1, *Sam* III, 6).

Em Saragoça, Josemaría pôs-se sob a protecção de Nossa Senhora, tão venerada na Basílica do Pilar; lá a visitou diariamente. Esperava-o um tempo de sacrifício e de esforço para amadurecer nas virtudes; mas tempo também de graça do Céu abundante. Passados anos, haveria de resumir assim essa etapa da sua vida, vendo também a mão de Deus nos acontecimentos custosos:

Eram machadadas de Deus Nosso Senhor, com o fim de extrair desta árvore a viga que ia servir, apesar da sua fraqueza, para fazer a sua Obra. Eu, quase sem reparar nisso, repetira: *Domine, ut videam! Domine, ut sit!* Não sabia o que Deus queria, mas continuava para a frente, sem corresponder plenamente à bondade de Deus, esperando aquilo que mais tarde havia de receber: um cúmulo de graças, uma após outra, que não sabia como qualificar e a que chamava operativas, porque de tal modo dominavam a minha vontade, que quase não tinha de fazer nenhum esforço¹.

Josemaría foi residir para um dos dois Seminários da cidade, o de *S. Francisco de Paula*, chamado também correntemente de *S. Carlos*, devido ao nome de uma residência sacerdotal situada no mesmo edifício. O ambiente era muito diferente daquele que tinha vivido em casa de seus pais: vestir o

uniforme de seminarista, submeter-se a um horário comum, conviver com várias dezenas de rapazes, alguns deles de formação e ambiente social muito diferentes.

Os alunos do Seminário assistiam à Santa Missa de manhã, precedida de meditação. Depois do pequeno-almoço, dirigiam-se em filas e acompanhados por um Prefeito à Universidade Pontifícia de S. Valério e S. Bráulio, onde frequentavam as aulas de manhã e de tarde.

Voltavam ao Seminário para o almoço; antes do jantar, tinham recreio, tempo de estudo e reza do Terço; no fim da jornada recebiam uma breve palestra.

Ao chegar pela primeira vez ao Seminário, Josemaría, num acto de despreendimento, entregou ao porteiro os cachimbos e o tabaco que até então tinha usado. A partir desse momento, dispôs-se a cuidar, com a máxima dedicação, das práticas de piedade, dos outros meios de formação ascética e das aulas de teologia, ao mesmo tempo que melhorava a preparação cultural, sobretudo em literatura e história. Mais tarde, seguindo o conselho de seu pai, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Saragoça, dedicando os Verões ao estudo destas matérias. Em nenhum momento esqueceu a família, nem o sacrifício que lhes acarretava a estada do filho mais velho em Saragoça.

Josemaría passou muitas horas na igreja do Seminário. Alguns discípulos recordarão, muitos anos depois, tê-lo visto longo tempo, na penumbra da tarde, recolhido, o olhar fixo no Sacrário, com a íntima sinceridade de quem entregou a sua vida por inteiro.

Os seus companheiros daquele tempo, no Seminário e na Universidade, deixaram testemunhos explícitos da piedade e das vir-



Imagem de Nossa Senhora do Pilar na Santa Capela da Basílica do Pilar de Saragoça, onde o Servo de Deus, acorria diariamente a rezar.

tudes humanas de Josemaría. «Era muito piedoso, com uma piedade que me chamou fortemente a atenção. Não era uma piedade que eu chamaria de sentimental ou, de alguma maneira, tristonha. Era uma piedade simpática, alegre, atraente, que era não só compatível, mas antes raiz do seu constante sentimento de humor e de uma visão positiva da vida².

Um seminarista, que chegou a ser pároco na Diocese de Taraçona, observava que Josemaría, «durante a meditação, estava numa atitude de oração intensa; para ele devia ser realmente uma conversa amorosa com Deus».³

Josemaría comportava-se de um modo cordial, sempre aberto à amizade, traço que foi conatural ao seu carácter. A sua personalidade acentuada, cheia de sinceridade e de energia, criava um ascendente natural sobre os seus companheiros, embora não faltassem alguns que lhe dirigiam gracejos

de mau gosto, pela sua piedade ou cuidado normal no asseio. Mostrava habitualmente uma atitude alegre e um vivo sentido do humor. Utilizava os seus dotes literários e expressivos para tornar agradáveis as festas e reuniões. Tinha o dom de não maçar os amigos e de animar a companhia deles com tranquila serenidade; sabia ganhar a confiança deles com lealdade. Realizava os estudos de Teologia sem dificuldade, com resultados brilhantes.

Os discípulos começaram a dar-se conta de que Deus actuava naquela alma: «Sempre tive a impressão de que a sua ideia, aquilo que preencheu a sua vida, de alguma maneira já a tinha muito metida dentro⁴.» Compreendiam que, para além da afeabilidade e qualidades humanas de Josemaría, estava a profundidade da sua entrega a Deus: «Procurava a soledade, que enchia com o estudo e a oração. Quando passeava sozinho, não era possível dizer-lhe: “Josemaría, vejo-te sozinho, venho fazer-te companhia”, porque reagia dizendo que nunca se sentia só. Recordo que, nos tempos livres, descia à igreja de S. Carlos. Ajoelhava-se muito perto da Sacristia. Por certo era o único dos seminaristas meus conhecidos que descia à igreja nas horas livres⁵.» Mais tarde, com a segurança de uma ampla experiência sacerdotal, o Servo de Deus escrevia: **Mentem — ou estão equivocados — os que afirmam que nós, os sacerdotes, estamos sozinhos: estamos mais acompanhados que ninguém, porque contamos com a contínua companhia do Senhor, com quem temos de conviver ininterruptamente.**

Somos enamorados do Amor, do Autor do Amor⁶!

As conversas com os companheiros deixavam transparecer simplesmente a intensidade do seu afã apostólico: «De quando em quando, abria-se em confiança e deixava-nos descobrir o fundo das suas inquietações (...) Sempre tive a sensação de que já então pressentia o que ia ser a Obra de Deus⁷.»

Junto com o estudo e o espírito de ora-

ção, Josemaría começou a praticar a penitência e a mortificação corporal. Alguém descobriu o seu cilício, mas Josemaría cortou com decisão os gracejos inoportunos: aquilo pertencia ao seu trato com Deus e não ao falatório dos homens. Um companheiro escreveria: «A sua vida interior era sobretudo isso mesmo: interior. Já então não gostava de alardes nem ostentações, mas procurava passar inadvertido. Penso ser este um dos traços mais importantes que definem a sua vida e também o espírito que deixou: a absoluta normalidade, a enorme naturalidade do seu comportamento⁸.»

O Cardeal Soldevila, Arcebispo de Saragoça, apreciou pessoalmente a categoria moral do jovem seminarista de conduta impoluta e piedade reconhecida; chamava-o com frequência para uma conversa a sós. Também o Bispo Auxiliar, D. Miguel dos Santos Díaz Gómara, o conhecia e estimava profundamente.

Aos vinte anos, em Setembro de 1922, depois de acabar o terceiro ano de Teolo-

gia, o Servo de Deus recebeu a tonsura, pela qual adquiria o estado de clérigo, das mãos do próprio Cardeal que, três meses depois, lhe conferiu as então chamadas «Ordens menores» e foi nomeado Superior do Seminário. Os Superiores, escolhidos entre os seminaristas de mais prestígio, ocupavam-se da disciplina e da orientação académica dos alunos, colaborando assim com o Reitor na preparação dos futuros sacerdotes. Josemaría desempenhou este cargo com generosidade e prudência, cheio de zelo pelos seus irmãos.

O Reitor, Rev^o José López Sierra, louvou sempre o afã apostólico do Servo de Deus como director de seminaristas: queria ganhá-los a todos para Cristo e levá-los por caminhos de autêntica vida interior. Não era partidário de castigos. Formava-os com uma «simplicidade e suavidade encantadora»; «a sua mera presença, sempre atraente e simpática, continha os mais indisciplinados. Um sorriso simples, acolhedor, assomava-lhe aos lábios quando observava nos seus seminaristas algum acto edificante. Um



O Servo de Deus, segundo da esquerda, com outros seminaristas.

olhar discreto, penetrante, às vezes triste, mas muito compassivo, reprimia os mais díscolos»⁹.

Ao acabar o quinto ano de Teologia, em Junho de 1924, o Servo de Deus recebeu o subdiaconado das mãos de Mons. Díaz Gómara. Dava assim um passo decisivo para o sacerdócio, abraçando livremente para toda a vida o compromisso de amor do celibato, dom de Deus que manifesta a predilecção com os Seus ministros. Durante toda a vida foi um defensor apaixonado deste amor inteiro:

Quanto não havemos de admirar a pureza sacerdotal! — É o seu tesouro. — Nenhum tirano poderá arrancar jamais à Igreja esta coroa¹⁰.

O ano seguinte, até à data da ordenação sacerdotal, em Março de 1925, esteve cheio de acontecimentos. Josemaría preparava-se para o diaconado quando o pai morreu repentinamente a 27 de Novembro de 1924. À sua chegada a Logronho recebeu a dolorosíssima notícia, que aceitou com fortaleza exemplar. Como chefe de família, ocupou-se do funeral e da mudança da família para Saragoça. Em Dezembro, Mons. Díaz Gómara conferiu-lhe o diaconado. O Servo de Deus teve a emoção imensa de officiar a Bênção com o Santíssimo Sacramento e de administrar pela primeira vez à sua Mãe a Sagrada Comunhão.

Josemaría continuou a pedir luz para um caminho que, dentro do sacerdócio, ainda não via bem definido, esperando uma resposta do Senhor. De momento, só o impeliu uma fidelidade apaixonada aos desígnios divinos. Repetia, uma e outra vez, com a fé do cego de Jericó: **Domine, ut videam!... Senhor, que eu veja!...; e também ut sit!... que seja, que se cumpra isso que Tu queres!...** Estas palavras tornaram-se jaculatórias na sua alma e já nunca mais as abandonaria no seu diálogo com Deus, durante o resto da sua vida. Daqueles anos conserva-se uma inscrição feita pelo Servo de Deus na base duma imagem de Nossa Senhora do Pilar, com esta mesma jaculatória: **A uma imagem simples da**



O Seminário de San Carlos.

Virgem do Pilar confiava, por aqueles anos, a minha oração, para que o Senhor me concedesse entender o que já presentia na minha alma. Domina, dizia-lhe em termos latinos não precisamente clássicos, mas embelezados pelo carinho, ut sit!, que seja de mim o que Deus quer que seja»¹¹.

¹ S. BERNAL, *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*. Lisboa, 1978. p. 63.

² RHF T-2. 851.

³ RHF T-2. 861.

⁴ RHF T-2. 865.

⁵ *Ibidem*

⁶ *Forja*, n. 38

⁷ RHF T-2. 867

⁸ RHF T-2. 865

⁹ S. BERNAL, cit., p. 69

¹⁰ *Caminho*, n. 71, 15ª ed., Lisboa 1985.

¹¹ *La Virgen del Pilar*, publicado no *Libro de Aragón*, Saragoça 1976, pp. 97-103

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus membros, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão, no mundo e na sociedade.

... o apostolado essencial do Opus Dei — em palavras do seu Fundador — é o que cada membro realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (*Temas Actuais do Cristianismo*, n.º 71.)

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não pertencem à Obra — e que muitas vezes não são cristãos —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (*Temas Actuais do Cristianismo*, n.º 84.)

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

CENTER FOR RESEARCH AND COMMUNICATION

Manila

Um homem ou uma sociedade que não reaja perante as tribulações ou as injustiças e não se esforce por as aliviar não é um homem ou uma sociedade à medida do amor do Coração de Cristo. Os Cristãos — conservando sempre a mais ampla liberdade quando se trata de estudar e de pôr em prática as diversas soluções, segundo um pluralismo bem natural — terão de convergir no mesmo anseio de servir a Humanidade. Se não, o seu cristianismo não será a Palavra e a Vida de Jesus; será um disfarce, um embuste feito a Deus e aos homens¹.

A preocupação do Servo de Deus pela justiça social foi uma característica fundamental do seu apostolado: o «amor de predilecção para com os pobres», que a Igreja sublinha como traço próprio do amor ao próximo, levou-o a promover no mundo inteiro uma variada gama de obras dirigidas aos necessitados. Deste impulso sacerdotal surgiram, às centenas, centros de ensino e de promoção social, cujo fim é o desenvolvimento humano e a formação cristã dos operários, camponeses, auxiliares do lar...



Uma vista do CRC.

O Opus Dei nasceu entre os pobres de Madrid, nos hospitais e nos bairros mais miseráveis; e continuamos a atender os pobres, as crianças, os doentes. É uma tradição que nunca sofrerá interrupção na Obra².

Com a sua pregação incessante, difundiu a consciência do dever ineludível, para todos os fiéis, de colaborar, cada um segundo as suas possibilidades, na solução cristã das questões sociais, urgindo a uma generosa mobilização de energias em benefício dos indigentes.

Entre os frutos deste zelo, contam-se iniciativas como a do CRC (*Center for Research and Communication*) de Manila, uma instituição de nível académico superior, dirigida a profissionais da economia em diversos sectores. Está encaminhada a melhorar a sua formação científica e prática, no campo da investigação económica ou da direcção de empresas, ao mesmo tempo que lhes proporciona os princípios da doutrina social da Igreja, para fomentar o desenvolvimento humano, económico e social das Filipinas, com sentido cristão.

A história do CRC iniciou-se a finais

dos anos cinquenta, quando alguns universitários filipinos, que estudavam nos Estados Unidos, conheceram lá o Opus Dei. Alguns pediram a Admissão na Obra e regressaram à sua pátria com o desejo de pôr em prática os horizontes de apostolado aprendidos nos ensinamentos do Fundador. Compreenderam que, para resolver os problemas de desenvolvimento de um país, não basta estimular o progresso da economia, mas é preciso infundir um autêntico espírito evangélico na vida pessoal e profissional de empresários e economistas.

Alentados pelo Servo de Deus, organizaram numerosos cursos de formação profissional, inspirados na concepção cristã da dignidade da pessoa e do trabalho, da justiça e do bem comum, do sentido social da propriedade. Em poucos anos, o CRC, que iniciou as suas actividades em 1967, ganhou corpo e ampliou rapidamente os seus cursos, até chegar a uma grande variedade de programas de investigação, ensino e difusão de ideias sobre o desenvolvimento. Actualmente, os cursos ordinários permitem obter o Mestrado em sectores como a Economia Industrial e Administração de



Aspecto de uma conferência para empresários e executivos na sede do CRC

Empresas, bem como uma especialização em Investigação Económica.

Nos cursos do CRC participam profissionais filipinos e de outros países, sobretudo asiáticos, atraídos pelo prestígio do Centro.

Mons. Escrivá encareceu aos responsáveis do CRC que, ao procurar as soluções económicas com liberdade, manifestassem os princípios de doutrina social da Igreja. Insistiu-lhes especialmente na prioridade da conversão do coração, como premissa do autêntico progresso humano. O empresário cristão não se pode conformar com respeitar os limites da justiça, antes deve ir muito mais além, chegando à prática generosa da caridade, com espírito de serviço: **O trabalho bem acabado, que progride e faz progredir, que tem em conta os avanços da cultura e da técnica, realiza uma grande função, sempre útil à humanidade inteira, se nos move a generosidade, não o egoísmo, o bem de todos, não o proveito próprio: se está cheio do sentido cristão da vida**³.

O CRC desenvolve uma intensa activi-

dade apostólica entre professores e alunos; a sua irradiação estende-se também aos antigos alunos e outras pessoas interessadas em fomentar esta actividade. A associação de amigos do CRC participa activamente nas ajudas para a sustentação da iniciativa, nas publicações e ciclos de conferências.

Nestas conferências, abertas a todos os profissionais, abordam-se aspectos doutrinários e morais do desenvolvimento social e económico, para lhes dar uma inspiração de acordo com o espírito cristão.

Podem mencionar-se, entre outros, os ciclos destinados a parlamentares, sobre o matrimónio e a natalidade, ou as conferências sobre o sentido da autêntica libertação no campo da economia. O CRC colabora também com o assessoramento técnico e orientando tanto homens como mulheres para o contacto directo com os marginalizados, em programas de promoção social em bairros operários de cidades industriais do país.

¹ *Cristo que passa*, 3ª edição, Lisboa, 1983.

² Instrucción, 8-XII-1941, RHF 21.502, 4,57

³ *Ibidem*, 4.166

Escrevem-nos

INEXPLICAVELMENTE COMEÇOU A RESPIRAR

Quando a menor dos nossos filhos tinha um ano e meio, ficou um dia em casa, brincando com o irmão, um ano mais velho, e ao cuidado de uma ama, enquanto efectuávamos diversas diligências.

Outra filha nossa, de cinco anos, convalescia de uma longa doença, pelo que só podia estar levantada duas horas diárias, a partir do meio dia.

Depois de os pequenos brincarem no jardim durante muito tempo, num dado momento apareceu o rapaz sozinho, a mostrar um brinquedo à irmã que estava na cama. Entretiveram-se longo tempo até que, de repente, a mais velha, sem saber dizer até hoje porquê, desceu repentinamente da cama e correu para a piscina. Ao chegar viu no fundo a pequena, imóvel na água e de cabeça para baixo.

Procura tirá-la pelos seus próprios meios, puxando-a pelos pés, mas ela resvalou repetidas vezes, pelo que foi à cozinha pedir ajuda.

Uma vez fora da água, deram-se conta de que a menina não respirava, estava gelada e não mostrava os sinais vitais. Puseram-na logo de lado, comprimindo-lhe o estômago e o peito; expulsou muita água.

A minha mulher tinha ido à Missa, e por isso, a ama procurava telefonar-me para o escritório, mas não o conseguiu senão passada mais de uma hora. Entretanto, recorreram à minha mãe.

Durante o trajecto e quando cheguei à sala de urgências, não deixei de pedir por ela a Monsenhor Escrivá de Balaguer; fi-lo com muita confiança e aceitando a Vontade de Deus.

Pude ver como a aqueciam e como, lentamente, começava a reagir, efectuando pequenos movimentos com os olhos fechados. Quando chegou a minha mulher já começava a respirar debilmente, mas ainda continuava gelada. Então pôs-lhe debaixo da blusa, sobre o peito, uma memória para a devoção privada de Mons. Escrivá e a menina acabou por se recuperar.

Quando já estava fora de perigo, o médico de turno afirmou-nos que, pelos sintomas com que chegou à clínica, teria estado debaixo de água entre 20 e 30 minutos e que, por um milagre inexplicável, não tinha água nos pulmões, mas só no estômago.

Não ficou com nenhuma afecção e sabemos que o Senhor ouviu as súplicas do Fundador do Opus Dei.

J. P. R. e R. S., Santiago (Chile)

RECUPEROU A VISTA

Uma amiga minha com devoção a Mons. Escrivá tinha uma empregada doméstica cuja mãe estava muito doente e uma das consequências mais dolorosas é que quase não via, não podia mexer-se sozinha, etc. A senhora deu uma memória de Mons. Escrivá à empregada, dizendo-lhe que pedisse a cura da mãe.

Já em casa, a empregada deixou que a mãe adormecesse e, sem que ninguém visse, passou a estampa pelos olhos da mãe.

Quando a mãe acordou deu um grito porque via. As duas estão muito agradecidas a Mons. Escrivá de Balaguer e muito impressionadas.

M. C., Lisboa (Portugal)

Escrevem-nos

UMA COLEGA TENAZ

No meu local de trabalho, há quatro anos, uma das minhas colegas perseguia-me, dava-me estampas de Josemaría Escrivá de Balaguer, entregava-me livros, etc. Punha tudo de parte, mas não deixava fora, guardava-o. Às vezes, pelo meu temperamento, excitava-me no trabalho e ela nem se alterava: sempre me sorria e me dava algum conselho. Houve momentos, em que passei por situações difíceis na minha vida familiar e ela oferecia-se para pedir pelos meus problemas; cheguei a nem poder vê-la. Não a suportava.

Há um mês, o meu pai achou-se muito grave. Há um ano que o tinham operado a um cancro e agora o médico avisava-nos que era a fase terminal e que iria morrer, não pensavam sequer intervir. Nessa noite, deram-lhe sangue. Eu só me sentei, olhava para ele e não queria que morresse, já que enviuei há um ano, com dois filhos e ele é o avô e o pai ao mesmo tempo.

Cheguei a casa às 8 da manhã, muito cansada e triste, sentia-me mal, abri a gaveta da mesinha para me pôr o termómetro e apareceu uma memória de Mons. Escrivá de Balaguer, com aquele sorriso que o caracteriza; então, sem rezar nem pensar em mais nada, meti a memória debaixo da almofada e adormeci. No dia seguinte, o meu pai levantava-se e foi para casa fazendo vida normal.

Reconheci publicamente no meu local de trabalho o que tinha acontecido, pedindo desculpa à minha colega e prometendo publicá-lo.

A coisa não ficou por aqui. Devido a isto aconteceram muitas coisas: uma colega adoeceu, já tinha cancro e agora descobriram-lhe um tumor no pulmão; deram-lhe poucos dias de vida. Pedi por ela, enviei-lhe uma estampa e encontra-se bem. Os médicos não sabem explicar, como também não o souberam no caso do meu pai.

Desde esse dia, rezo-lhe todas as noites, peço-lhe coisas e concedo-las todas. Recorro a ele para tomar decisões em momentos de ira, etc. É como se me iluminasse e fico a ver tudo claro; sei decidir e sei conter-me a tempo. Além disso, agora sou capaz de alentar e animar outras pessoas, e antes não o era, era rancorosa e vingativa, revoltada. Tudo isto agradeço à minha colega, que foi tenaz e paciente comigo. Ela levou quatro anos, mas agora o resultado da sua missão foi triplicado.

X. X., Corunha (Espanha)

UM GRANDE NÚMERO DE FAVORES

Escrevo-lhes para comunicar um grande número de favores que recebi de Mons. Josemaría Escrivá.

Há um ano comecei o tratamento para recuperação do alcoolismo. Estava à borda do desespero, quando um sábado à tarde fui à minha Paróquia e de lá trouxe um *Boletim Informativo* e uma memória com uma pequena oração a Josemaría; e assim comecei, através desta oração, a receber muitos favores. Ele ajudou-me a deixar de beber. Ajudou-me a unir-me à minha família. Em Outubro, tive uma hemiplegia e com a ajuda de Josemaría tenho recuperado.

O meu filho andava à procura de trabalho sem o conseguir; invoquei novamente a Josemaría e o meu filho conseguiu trabalho.

Sou uma pessoa de 59 anos, agora pensionista, muito feliz na minha vida desde que tenho Josemaría, a quem confio as minhas necessidades. Estes são alguns favores, mas recebi muitíssimos mais. Envio-lhes um cheque com um pequeno donativo.

X. X. (Canadá)

ENCONTROU TRABALHO

Sou uma rapariga cristã de 21 anos de idade. Uma vez, fui confessar-me e encontrei um sacerdote do Opus Dei que me deu o *Boletim Informativo* de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Quando o li animou-me muito espiritualmente.

Tinha acabado então os meus estudos no *College* e andava à procura de trabalho. Enviei vários pedidos a diferentes empresas, mas não recebi resposta. Rezei uma novena com a oração que aparece no *Boletim Informativo*. Em Julho deste ano recebi duas cartas a oferecer-me emprego e a dizer que me apresentasse ao trabalho imediatamente.

Estou muito agradecida porque sei que Deus respondeu à minha oração através do Servo de Deus Josemaría Escrivá.

Devo muitas acções de graças a Deus por este favor em particular e peço-lhes que se unam a mim para agradecer a Deus.

Junto 100 xelins do meu primeiro ordenado e peço-lhes que me enviem os próximos *Boletins Informativos*.

M. N., Garissa (Quénia)

A PAZ VOLTOU AO LAR

Um dia, um dos meus filhos veio dizer-me que ele e a sua mulher se queriam separar. Têm vários filhos e a situação no lar era catastrófica. Ficámos muito tristes e tentámos, sem resultado, convencê-los de que mudassem de parecer; não conseguimos nada.

Uns dias depois, alguém me levou a uma Missa pelo Fundador do Opus Dei, na igreja de Saint Jacques.

Lá conheci a espiritualidade de Mons. Escrivá, que me atraiu muito, e comecei imediatamente a rezar com fervor por esta minha grande preocupação. Pedi-lhe um milagre. Ao sair da igreja, peguei em memórias, nalgum livro, e decidi começar uma novena para obter o favor que desejava.

No último dia da novena, soube que esta intenção pela que rezava ia bem encaminhada e agora, depois de um ano de oração, a paz voltou àquele lar.

Agradeço diariamente a Mons. Escrivá a sua protecção e continuo a suplicar-lhe por esta família.

X. X., Putte (Bélgica)

MUDANÇA COMPLETA

Havia muito tempo que sofriamos um problema familiar. Um filho de 19 anos levava uma vida extraviada envolvido na droga, fazendo-nos passar uma vida cheia de preocupações e tristeza.

Um dia recebi duma amiga um *Boletim Informativo* e um livro sobre Mons. Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei.

Pedi a Mons. Escrivá por meio da oração para a devoção privada. Cheios de esperança continuámos a rezar. Parece incrível a mudança completa que houve no meu filho: conheceu uma moça, casou e hoje faz uma vida normal. As pessoas que conheceram o meu filho e notam a transformação perguntam-me quem fez o milagre. Estou certa de que Mons. Escrivá o ajudou a voltar ao bom caminho. O nosso agradecimento a Mons. Escrivá pela ajuda recebida; enviamos um donativo para as actividades de formação.

Muito agradeço a este verdadeiro Santo de Deus.

M. S., Açores (Portugal)

Envio-lhes uma fotografia do meu filho Josemaría, nascido a 12 de Julho deste ano, quando nunca pensei que pudesse chegar a tê-lo.

Faço agora onze anos de casada e durante os oito primeiros anos fui regularmente à consulta de vários médicos. Todos me disseram que só tinha possibilidades muito remotas de ter um filho, devido a um defeito ovárico. Por isso, há três anos decidi deixar as consultas médicas e toda a medicação.

Através da memória de Mons. Escrivá foram-me sendo concedidos alguns favores, mas nunca me ocorreu pedir-lhe um filho, já que, quanto a mim, era impossível. Contudo, durante a Santa Missa do ano passado, no aniversário da sua morte, decidi pedir-lho, apesar de tudo, e não deixei de continuar a pedir-lho depois.

Em Novembro do ano passado, o médico confirmou a minha gravidez. Fiquei tão agradecida a Mons. Escrivá que pedi ao meu marido que o nosso filho recebesse o seu nome.

C. T. Z., Manila (Filipinas)

Agradecia que publicasse no *Boletim Informativo* a seguinte graça por mim atribuída a Mons. Escrivá.

Fortes desentendimentos conjugais provocaram tal ruptura num casal meu amigo, que o marido pensou em abandonar a casa, deixando sua mulher grávida de quase seis meses.

Preocupado pela situação, lembrei-me de pedir a Mons. Escrivá para que o ajudasse a ponderar. Parecia que cada vez estava tudo pior, mas eu não desisti pedindo insistentemente a Mons. Escrivá e acontece que no dia 2 de Outubro tudo mudou. O meu amigo parecia outro homem, muito mais calmo e lúcido e nada de grave aconteceu a esse casal.

X. X., Leça da Palmeira (Portugal)

Encontrava-me numa situação desesperada e não parecia haver solução possível. Sou viúva, com três filhos que dependem de mim. O mais velho, com quase trinta anos, não tinha conseguido acabar os seus estudos de Economia e Comércio, transtornado pelas suas ideias políticas e um carácter difícil.

A nossa vida era um inferno pelas contínuas desavenças entre nós. Via o horizonte do meu futuro, fechado e ameaçador, tanto pela idade dele como pelo seu carácter.

Ouvi falar de Mons. Josemaría Escrivá e através da leitura da sua vida e dos seus escritos (*Cammino e Amici di Dio*) comecei a conhecer o verdadeiro rosto de Deus e a confiar-me à sua intercessão diante do Altíssimo.

Com a ajuda de Mons. Josemaría Escrivá aprendi a sofrer com esperança. Sei que Deus nunca abandona as suas criaturas, mesmo que para receber uma graça haja que rezar muito.

Neste momento, o meu filho ganhou dois concursos e portanto vai ter trabalho.

Diariamente me dirijo ao Padre e na minha mesinha de cabeceira está sempre o livro das suas homilias *Amici di Dio*, que leio com muita frequência.

A ajuda de Mons. Josemaría manifestou-se muitas vezes também em coisas pequenas, mas a maior graça que recebi por sua intercessão foi a do meu filho. Por isso, desejo dá-la a conhecer como tinha prometido e também para que a sua figura seja mais conhecida.

E. T. C., Nápoles (Itália)

E. M. V., Murça (Portugal)

Comecei a rezar ao Servo de Deus Josemaría Escrivá pedindo-lhe a conversão de uma amiga minha; fiz muitas novenas para que nalgum momento da sua vida recebesse o dom da fé. Ela tinha sido educada num colégio católico e comentou-me muitas vezes que, embora não conhecesse outra fé, não via necessidade de se comprometer. Alguns anos depois, matriculou a filha mais nova, de dez anos de idade, num colégio católico. Imediatamente a menina mostrou desejos de ser católica, mas a minha amiga respondeu-lhe que ainda era muito nova e que devia esperar.

Meses mais tarde, quando me dirigia a casa dela — há bastante tempo que não nos víamos —, pedi com força a Mons. Escrivá pela sua conversão e que fosse em breve. Logo ao chegar disse-me que ia permitir que a filha fosse católica. Então perguntei-lhe se se dava conta da responsabilidade de ajudar a filha de 11 anos a viver a fé. A sua resposta foi afirmativa, acrescentando que também ela se tornaria católica. Tinha-o percebido claramente e queria pôr-se em contacto com um sacerdote para que, em breve, a sua filha e ela fossem recebidas na Igreja Católica. Poucas semanas depois foram ambas baptizadas.

A. W., Killara (Austrália)

A minha mãe estava no sétimo mês de gravidez da minha sexta irmã. Sempre sofreu dos pés e tinham-lhe feito várias operações nos dedos sem nunca ficar completamente bem. Um dia, começou a desenvolver-se uma ramificação no osso do dedo polegar do pé direito. Cresceu rapidamente, até abrir a carne e a mãezinha já não podia caminhar. O médico achou conveniente uma operação cirúrgica para extirpar a ramificação e limar o osso, mas como estava grávida, tinha de ser sem anestesia. A minha mãe pediu uma semana de prazo: se continuasse a crescer, haveria que operar; se se mantivesse estável, esperaria nesse estado até que nascesse a minha irmã. Nesta situação, todos em casa começámos a rezar por intercessão de Mons. Escrivá.

Ao quarto dia, quando os meus irmãos mais novos já estavam deitados, a minha mãe começou a gritar: milagre!, milagre! Ao fazer um curativo, sem qualquer dor, a ramificação do osso desprende-se sozinha e caiu. A ferida produzida no dedo foi curando por si mesma e no dia seguinte a aparência era normal. Não foi necessária nenhuma operação.

Já passou bastante tempo. A minha irmã nasceu satisfatoriamente e a minha mãe não voltou a ter problemas nos pés.

A. L., Bogotá (Colômbia)

Tendo prometido que publicaria a graça que recebi por intermédio do Servo de Deus Josemaría, se uma sobrinha minha se salvasse, aqui estou a fazê-lo.

Ela teve um gravíssimo acidente no carro que ela própria conduzia.

Esteve em estado de coma 3 meses e sempre muito mal.

Os médicos diziam que não era fácil salvar-se, até que um dia se perderam todas as esperanças... Contudo, não deixei de pedir sempre com muita fé a este Servo de Deus.

Graças a Deus, são já passados longos meses e ela encontra-se livre de perigo, embora em recuperação, mas todos acreditamos que foi um verdadeiro milagre obtido pelo Servo de Deus Josemaría.

Muito agradeço tão grande graça e junto envio o pequeno donativo de mil escudos.

Com os meus cumprimentos me subscrevo.

Os originais destes relatos, com os nomes e direcções dos que escrevem, conservam-se no Arquivo de Postulação da Causa.

Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO...» (*L'Osservatore Romano*, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro é de 1934, com o título de *Consideraciones Espirituales*. Hoje são já 228 edições, em 38 idiomas, com 3 516 664 exemplares*.

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 85 edições, em 18 idiomas, e 538 769 exemplares*.

Temas Actuais do Cristianismo

Mons. Escrivá responde, por escrito, às perguntas formuladas por várias revistas e jornais de diferentes países.

A primeira edição é de 1968. Publicaram-se 43 edições, em 7 idiomas, com 297 820 exemplares*.

Cristo Que Passa

O livro recolhe algumas homilias, que constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei.

A primeira edição é de Março de 1973. Surgiram já 61 edições, em 11 idiomas, com 375 961 exemplares*.

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade filial com Deus. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo.

Foi publicado em 1977, contando-se já com 39 edições, em 7 idiomas, com 277 973 exemplares*.

La Abadesa de las Huelgas

Um penetrante estudo teológico-jurídico, realizado a partir das fontes e documentos sobre o caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via-Sacra

Obra póstuma de Monsenhor Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor.

A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 32 edições, em 10 idiomas, com 244 264 exemplares*.

Sulco

Obra póstuma. «Do mesmo modo que *Caminho* (...), *Sulco* é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá» (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1986. Surgiram já 24 edições, em 7 idiomas, e 268 049 exemplares*.

Forja

A última obra póstuma publicada, *Forja*, «é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na frágua do Amor divino e inflamá-las em afãs de santidade e de apostolado, porque este era o desejo de Mons. Escrivá» (Do Prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1987. Fizeram-se 14 edições, em 6 idiomas, e 213 319 exemplares*.

* Editados em português. Pedidos às livrarias.

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se) Amén.

Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor pela intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Neste **Boletim Informativo**, reproduzimos apenas, por exigências de espaço, parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, na impossibilidade de o fazer nominalmente, as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas da edição e distribuição deste **Boletim Informativo**, e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

Este **Boletim Informativo** distribui-se gratuitamente. Os que desejarem ajudar, com as suas esmolas, aos custos da edição e envio desta publicação, podem enviar esses donativos à **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193, 1700 LISBOA; ou, então, por transferência bancária, para a conta D. O. 210/78730, do Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 LISBOA.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou mensagens com a oração para a devoção privada.